

## APRESENTAÇÃO

### FOREWORD

A equipe editorial de Estudos de Sociologia tem o prazer de disponibilizar, ao público leitor, o volume 1, número 22 (2016) da revista. Não é um número que tenha formato especial, isto é, não é dossiê, embora siga encadeamento que escapa da bricolagem editorial. No caso, são nove artigos e uma resenha: cinco artigos são de teoria social e quatro produzem teorização a partir de levantamento empírico e bibliográfico. Além do mais, a resenha não se enquadra propriamente como tal, e sim como espécie de anotação teórica sobre livro de Hermínio Martins, pensador português falecido no ano passado. *Lato sensu*, poderíamos dizer, assim, que este número tem como foco teorizações que abordam objetos teóricos como empíricos.

Entre os artigos que tratam de teoria social, temos dois textos examinando teorizações clássicas e contemporâneas, e três que se confrontam com objetos relacionados ao mundo contemporâneo, tais como a afetividade, a relação entre a atitude *blasé* e a personalidade autoritária, e as relações entre sociologia e a fotografia. O artigo de Gilson Cássio de Oliveira Santos (“A respeito da centralidade temática na obra de Max Weber”) analisa a controversa questão de se saber se existe uma centralidade temática na obra weberiana. No gigantesco cabedal de temas e assuntos, tratados por Max Weber, existiria um fio condutor, como a racionalização, por exemplo? O autor faz revisão teórica de alguns textos de interpretação e exegese weberiana, bem como examina a própria obra weberiana.

Já Marcia da Silva Cezar Gadea e Cláudio Antônio Cardoso Leite (“A afetividade contemporânea e sua relação com a individualidade e a construção do sujeito na modernidade”) tratam de assunto bem atual: a afetividade contemporânea. Por meio de uma “sociologia do indivíduo”, relacionam a afetividade com a individualidade. A proposta é ambiciosa. Ao contribuir com a teorização sobre a noção de indivíduo, pretendem

dar conta, ao mesmo tempo, da noção de sujeito, sempre problemática nas ciências sociais. Nesse sentido, as relações afetivas, consubstanciadas a partir do amor paixão, do amor romântico, da conjugalidade, da sexualidade e da reflexividade social, seriam plataforma consistente para compreender a subjetividade contemporânea.

Se, no texto anterior, temos um caminho que vai da afetividade à subjetividade, no texto de Lucas Trindade da Silva e Bruno Ricardo Vasconcelos (“Do blasé à apatia dos sentidos: uma reflexão sobre o potencial autoritário da personalidade urbana”), a subjetividade é tematizada *per se*, como subjetividade urbana, por meio da categoria de *blasé*, noção de excelência para Georg Simmel. Os autores confrontam a atitude *blasé* à antipatia, à indiferença com a alteridade e ao ódio. Nesse confronto, mostram que tais “emoções” e “sentimentos” são latentes ou, *mutatis mutandis*, estão ocultos na atitude blasé. Para isso, lançam mão da noção adorniana de “personalidade autoritária” e produzem um diálogo entre a teoria crítica e a psicanálise. Ao relacionar atitude *blasé*, emoções e sentimentos e personalidade autoritária, produzem uma sociologia política da subjetividade urbana contemporânea, cuja manifestação política, em épocas de crise, pode redundar nas mais diversas formas de xenofobia, intolerância religiosa e ódio de classe.

A temática da subjetividade continua de vento em popa no artigo de Sandro Faccin Bortolazzo (“De Comte a Bauman: algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade”). O autor, ao relacionar a noção de geração ao de identidade, está focado no campo geral da subjetividade moderna. A geração surge como problema da subjetividade moderna, justamente porque é um problema identitário. Para realizar seus objetivos, o autor produz panorama geral sobre a noção de geração – espécie de história da noção na sociologia sob o comando de teorização proveniente dos Estudos Culturais. E, no final, como pretende perceber a geração a partir dos processos de identificação, discute os marcadores de diferenciação social, ou mesmo de distinção social, que perpassam as classes sociais, as faixas etárias e a cultura em geral.

Enfim, o artigo de Ana Lúcia Lucas Martins (“Os amores difíceis: sociologia e fotografia”) escapa de tematização direta sobre a subjetividade moderna, embora a relação entre sociologia e fotografia, tema de seu texto, retorne, a contrabando, o problema da subjetivação e da objetivação da imagem. Mais precisamente, o objeto da autora é a produção, na relação entre sociologia e fotografia, de conhecimento sobre a vida social. Afinal, a fotografia entrelaça, desloca e mistura saberes e não-saberes por meio do olhar (fundamento, para alguns, da metafísica moderna). Nesse sentido, a autora produz panorama geral sobre o tema por meio do levantamento de estudos sociológicos e antropológicos. Seu objetivo é o de explicitar marcos analíticos sobre o uso da imagem. Analisa, para tanto, “um obstáculo epistemológico”, o “problema do realismo”, utilizando aportes teóricos de Roland Barthes e teóricos da imagem. O recorte analítico do realismo é utilizado para reconfigurar e ampliar as capacidades interpretativas e metodológicas do uso da fotografia na pesquisa social.

Se os textos acima estão relacionados a teorizações que tratam de noções e conceitos, os quatro artigos subsequentes estão mais direcionados a uma teorização que se baseia em levantamentos empíricos e bibliográficos. O artigo de Marcílio Dantas Brandão (“Medo, fetiche e espetacularização na política de juventude em Pernambuco”), por exemplo, é uma reflexão sobre a “construção política de juventude”. Toma como foco empírico o projeto “Dialogando: o governo do Estado ouvindo os jovens pernambucanos”. O objetivo da reflexão é produzir diagnóstico da condição juvenil e colher subsídios para formulação de política pública. Produz, assim, uma reflexão que dialoga com temáticas sociológicas sobre a juventude e de análise de políticas públicas. Para tanto, como discutido no artigo, é uma teorização norteada por noções como “medo”, “fetiche da participação” e “espetacularização da política”, aqui com forte inclinação pelo interacionismo simbólico.

Em relação ao texto anterior, cujo espaço é ocupado preferencialmente pela interpretação empírica, o artigo de Marcelo Miranda e Rosane Alencar (“Do essencialismo ao desconstrutivismo: um breve balanço das pesquisas brasileiras sobre homossexualidade e suas interseções com as categorias de

corpo e gênero”) não deixa de retomar questões relacionadas à subjetividade e a identidades modernas. Seria, assim, uma espécie de levantamento teórico e bibliográfico, em estudos brasileiros, sobre as homossexualidades e suas interseções com o corpo e o gênero. Não deixa de ser uma (meta) narrativa, esquadrinhando as tendências mais gerais sobre o assunto. Tal mapeamento permite antever o esboço de uma sociologia dos aspectos socioculturais da construção desse campo teórico e, *pari passu*, discutir suas principais orientações teóricas e metodológicas. O artigo é filiado à perspectiva teórica desconstrutivista e, ao mesmo tempo, denunciador, pois o mapeamento das posições discursivas nas ciências sociais permite justamente a denúncia, e também a desconstrução, de uma “estrutura de inteligibilidade heteronormativa”. Tal estrutura permeia percepções sobre a “performatividade de gênero”, a categorização dos corpos, via normalização e imposições normativas, e a própria ação política, como paródia do corporal, que desnaturaliza a “generificação” como verdade estabelecida.

Já o artigo de Noêmia Lazzareschi (“Novas competências profissionais e empregabilidade no limiar do século XXI”) intercala mapeamento conceitual com interpretação empírica de dados de pesquisa. É discussão aprofundada de tema caro à sociologia do trabalho. Tem como alvo a noção de competência profissional que, no artigo, é contraposta à de qualificação profissional. No caso, a autora defende o vínculo essencial entre competência profissional e empregabilidade, justamente para entender as novas condições de trabalho no mundo contemporâneo. Para tal, a autora discute uma série de transformações societárias de longo alcance que constituíram as condições de possibilidade para a valorização da competência profissional: a) desenvolvimento científico e tecnológico, vinculado à internacionalização da economia; b) reestruturação do mercado de trabalho, enfatizando o setor de serviços, com novas lógicas organizacionais e novas exigências cognitivas e profissionais; c) reestruturação produtiva, com novas tecnologias e lógicas de gestão; e d) novas necessidades educacionais para a inserção do trabalhador / profissional no mercado de trabalho. Nesse sentido, a autora destaca que, para a configuração da competência profissional, as novas exigências cognitivas precisam de novas formas de aprendizados; por isso, a ênfase na educação, no ensino fundamental e médio, nos bancos escolares, lugar onde será formatado o aprendizado do novo trabalhador.

Por último, mas não menos importante na sequência de artigos de cunho empírico, temos o artigo de Francisco Jatobá de Andrade (“Ações afirmativas e raça no Brasil: dinâmicas na trajetória de institucionalização da temática”) que problematiza a discussão sobre cotas no Brasil, em particular nas universidades brasileiras. Novamente, temos aqui mapeamento conceitual e empírico das teorias e pesquisas sobre as relações raciais no Brasil, com seus desdobramentos nas políticas públicas de cotas. No fundo, o objeto do artigo tem relação com a seguinte questão: como as teorias sobre as relações raciais brasileiras articulam-se com os movimentos sociais negros e as políticas públicas de cotas. Tal articulação não é imediata nem direta; na verdade, é contraditória, mutante e passível de retrocessos.

Enfim, chegamos ao último texto desse número da revista. Como dissemos, não é propriamente uma resenha, e sim uma teorização que tem como objeto o livro de Hermínio Martins: “Experimentum Humanum”. Como tal, seria também homenagem a um dos grandes pensadores portugueses da atualidade, morto em 2015, ainda tão pouco traduzido no Brasil.

Boa Leitura!

Comitê Editorial

Revista Estudos de Sociologia